

## **A cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014: hibridização das identidades e a resistência ao espetáculo**

Alisson GUTEMBERG<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre o processo de hibridização das identidades como mecanismo de propagação de uma cultura global. Para tanto será observada a cerimônia de abertura da Copa do Mundo da FIFA de 2014, haja vista que a Copa é um instrumento diferenciado nesse sentido: proporciona uma difusão simbólica em escala mundial. O intuito é compreender como os elementos que compõem o imaginário de uma identidade local são deixados de lado em detrimento do global. Buscaremos, ainda, contextualizar sobre alguns símbolos que formam o imaginário de “brasilidade” e, também, iremos retratar sobre a questão da identidade dentro de um contexto pós-moderno. Por fim traremos a opinião - de uma parcela - dos brasileiros a cerca do evento, tendo como referencial um comentário postado no facebook do Cantor Alceu Valença.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo de 2014. Identidade. Hibridização.

### **Résumé**

Cet article vise à fournir une réflexion sur le processus d'hybridation des identités en tant que mécanisme mondial de propagation de la culture. Pour ce faire sera observé la cérémonie d'ouverture de la Coupe du Monde de la FIFA 2014, étant donné que la Coupe du Monde est un instrument différent à cet effet: fournit un écart symbolique dans le monde entier. L'objectif est de comprendre comment les éléments de l'imagination d'une identité locale sont laissés au détriment de l'ensemble. Cherchez aussi contextualiser au sujet de certains symboles qui composent l'imagination des "Brazilianness" et sera également dépeindre sur la question de l'identité dans un contexte postmoderne. Enfin, nous allons apporter le point de vue - une partie - des Brésiliens sur l'événement, en prenant comme référence un commentaire posté sur facebook chanteur Alceu Valença.

**Mots-clés:** Coupe du Monde 2014. Identité. Hybridation.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. E-mail: [alissongutemberg.jornalista@gmail.com](mailto:alissongutemberg.jornalista@gmail.com)

## Introdução

O processo de representação das identidades é interligado com a cultura. De acordo com Hall (apud WOODWARD, 2012), ao examinar sistemas de representação é necessário observar a relação entre cultura e significado: assim poderemos analisar as identidades produzidas pelos sistemas. A cultura oferece símbolos que são anexados e incorporados como pertencentes a determinados espaços. Podemos citar, como exemplo, o samba que é atribuído como aspecto de “brasilidade”, sendo elevado ao patamar de representação de uma nação.

É importante salientar que nesse processo, mesmo nacional, existe um mecanismo de homogeneização onde determinados aspectos, regionais muitas vezes, são deixados de lado em detrimento de outros. A composição do “mito de brasilidade”, por exemplo, ignora muitas características locais, como traços da cultura nordestina, da cultura gaúcha, da cultura do Norte do país, além de outras, em seu processo de construção. E assim se configura como relação de força. Na medida em que existe um processo de seleção na formação das identidades.

Porém, dentro desse processo, ainda existe a influência cultural que determinados países exercem sobre outros. Para Woodward a globalização – que permitiu uma interferência cultural em grande escala - acaba alterando as identidades e isso pode levar a crises de reconhecimento, por conta de um distanciamento entre os indivíduos e os traços da cultura local. Giddens (apud WOODWARD, 2012) afirma que essas “crises de identidade” são típicas da modernidade tardia e aparecem definidas como uma característica da vida contemporânea. E assim “os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas” ( 2012, p. 39).

Todo esse processo de hibridização e toda essa busca por um diálogo global e homogêneo, que acaba solapando as particularidades dos espaços, como afirma Barbero (1997), se encontra enraizado na cultura. A cultura caracteriza e diferencia os povos e os territórios. Para o autor o que faz a força e o que promove sentido a todo esse processo não são apenas os aspectos ideológicos: trata-se de uma alteração na memória e no

imaginário. Sendo assim, torna-se fundamental buscar algumas respostas: quais aspectos configuram a brasilidade? Quais são os símbolos pertencentes a esse contexto? Quais traços de brasilidade a abertura da Copa de 2014 deixou de lado? Como funciona todo esse processo de hibridização? Pois assim entenderemos os conceitos de local e de global no contexto do jogo das identidades.

## **1 A nação como espaço imaginado**

Os territórios nacionais são formados de maneira imaginada. Nesse processo existe a construção dos símbolos, ícones, por exemplo, que configuram o imaginário coletivo e criam laços de identificação entre os indivíduos. A definição de nação proposta por Benedict Anderson (apud DEBS, 2007) consiste na ideia de uma comunidade política imaginada e limitada, por isso tornar-se importante observar os modos pelos quais essas comunidades se estabeleceram.

No entender de Debs, um país é determinado por um conjunto que une aspectos geográficos, demográficos e históricos, já a identidade nacional é a representação mental dos sistemas de valores que une a comunidade e os habitantes através de espaço e tempo. Além disso, os elementos de base que permitem a construção da consciência nacional são a noção de território, a noção de língua e os temas abordados, principalmente, pela literatura. Dentro dessa proposta podemos estabelecer um elo com Hall (1998), para ele as culturas nacionais são compostas também por símbolos e representações que, ao produzirem sentidos a cerca da nação, constroem identidades. “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (1998, p. 50).

Desta forma, podemos perceber a influência que determinadas linguagens exercem sobre a formação das culturas nacionais e conseqüentemente do imaginário de nação. Essas linguagens, tais quais, o cinema, a literatura, a música e até mesmo os produtos televisivos, ajudam a construir o imaginário coletivo e estabelecem determinados traços de identidade dos povos. Barbero aborda sobre tal temática na medida em que analisa o papel dos meios nesse cenário. O autor cita, por exemplo, a

influência do melodrama na formação da identidade mexicana e do samba na construção da brasilidade.

## **1.1 O Brasil como um espaço multicultural e a questão do “mito de brasilidade”:**

O Brasil é um país com dimensões continentais. Dentro do território nacional temos diversas culturas que compõem os espaços de cada região. Basta uma simples pesquisa para encontrarmos diferenças entre Sul, Sudeste, Nordeste, Norte, Centro-Oeste, por exemplo. São diferenças que se configuram desde as questões climáticas, como também na música e até na culinária. A cultura brasileira ainda sofre influência indígena, africana, europeia, entre outras, e é por isso que encontramos aqui um multiculturalismo. Porém existe, por questões políticas, a necessidade de se “organizar” toda essa heterogeneidade em um bloco que seja suficiente para representar todo o país, e assim surge à questão da “brasilidade” e a formação dos seus símbolos a partir da construção de certos mitos. Como afirma Bauman (2001), não há identidade que não seja construída.

No entender de Hall, cinco aspectos são fundamentais no processo de construção da cultura nacional. Para o autor, em primeiro lugar, existe a narrativa que é contada nas histórias e na literatura nacional, na mídia e na cultura popular. Um segundo ponto é a ênfase nas origens, na tradição, na continuidade e na intemporalidade. Uma terceira estratégia é constituída pelo conceito de Hobsbawm e Ranger a cerca da invenção da tradição. O quarto exemplo de narrativa da cultura nacional consiste na formação do mito fundacional e o quinto e último aspecto se configura na ideia simbólica de que a identidade nacional é baseada, muitas vezes, num conceito de um povo puro, original.

A formação dos mitos, para Barthes (2001), está intimamente ligada com a comunicação, por isso, o autor, o descreve inicialmente como uma forma. O mito é uma fala nomeada pela história, um sistema de comunicação, porém que não pode ser nem objeto, nem conceito, nem ideia, mas sim um modo de significação. Nem toda fala pode ser considerada mito, pois são necessárias condições especiais, como por exemplo, o julgamento por um discurso. Para o autor, o mito tem limites formais, mas não substanciais. Sendo assim todo objeto pode passar de uma existência muda, para um

estado oral, e é isso que faz com que o mito se relacione com a fala. O mito é fruto de fundamentos históricos. Não existem mitos eternos, é a história que transforma o real em discurso e esse não precisa necessariamente ser veiculado na forma escrita, mas também pode aparecer de maneira oral, ou até mesmo por representações, através da fotografia, do cinema, da publicidade, como outros.

No entender de Fiske (apud SALAVISA, 2006), Barthes pensa o mito como uma cadeia de apreciações relacionadas e defende que sua principal função é naturalizar a história. O mito é a forma de determinada cultura pensar sobre os aspectos de sua própria realidade, por exemplo, e compreendê-la. E assim os mitos, em seu processo de criação, chegam a obscurecer e mistificar a suas origens históricas, o que gera por consequência uma universalização dessas origens e as torna imutáveis e justas, fazendo com que pareçam “servir, de modo idêntico os interesses dos homens e das mulheres, e , como tal, oculta o seu efeito político” (2006, p. 4).

Para Saboia (2012) a brasilidade pode ser classificada como um estado natural de espírito que diz respeito a um sentimento nacional. Essa seria a classificação dos aspectos característicos pertencentes ao espaço brasileiro. Refere-se aos traços identitários que unem os indivíduos internamente, porém os diferencia dos outros campos externos. Sendo assim a brasilidade é ao mesmo tempo um aspecto de integração e de separação, através de elementos culturais que formam a unidade nacional e são aspectos inerentes a todo território brasileiro. Porém na prática sabemos que isso não existe. Na verdade o que acontece é a escolha de um ou outro aspecto, pertencente a algumas regiões, que são colocados como representação do todo. Desta forma, observamos que a questão da identidade é, antes de tudo, uma escolha política.

O “mito de brasilidade”, como todo mito, não reproduz a realidade de forma total, mas na verdade, seleciona os aspectos que lhe convém e exagera ao exaltar esses traços. Podemos citar como exemplo o convívio entre as raças dentro do território nacional. Sabemos que nem sempre essa relação é passiva, porém o Brasil sempre é citado como uma democracia racial. E de acordo com Fabio Maciel (apud SABOIA, 2012) é na escola que aprendemos o mito da democracia racial e da bondade do brasileiro. Para Gellner (apud HALL, 1998), no processo de formação da identidade

nacional não importa os quão diferentes os membros da nação possam ser em termos de classe, gênero ou raça, a cultura nacional busca unificá-los.

Entre os aspectos característicos da brasilidade podemos citar, inicialmente, os símbolos oficiais. Esses símbolos oficiais são próprios da nação, como por exemplo, bandeira, hino e língua. São traços específicos do Brasil que configuram a unidade nacional em todo o seu território. Dentro do nosso país, partindo para a simbologia não oficial, temos um multiculturalismo que se configura em cada região nacional. Mas existem algumas características que são “vendidas”, principalmente fora do país, como universais a todos os brasileiros. Nesse processo o samba é colocado como o ritmo musical do Brasil. É o samba que serve como trilha para animar a nossa vida, alegre e festiva e, principalmente, pacata. Além do futebol que é colocado como, praticamente, um dom inerente a todos nós, brasileiros.

Desta forma, como aborda Saboia, a questão da identidade nacional está relacionada com uma resignificação do popular pelos grupos sociais e pela própria construção da nação. Porém, na prática, a noção de identidade não é totalmente definida, segundo a autora, não temos uma relação totalitária e uniforme com os ícones considerados símbolos nacionais: o Brasil é formado por várias culturas e cada região apresenta suas particularidades. Observamos isso a partir do momento em que percebemos as diferenças entre as regiões do país. Cada qual apresenta suas próprias crenças, seus próprios ritmos e sua própria culinária, por exemplo. Por isso, a questão da formação do “mito de brasilidade” é uma questão de força, uma questão política, na medida em que existe um processo seletivo que prioriza alguns elementos em detrimento de outros.

## **1.2 A identidade nacional na pós-modernidade:**

O fim do século XX - para pensadores como Stuart Hall e Zygmunt Bauman, por exemplo – inaugurou um novo momento com relação à estruturação das identidades nacionais. O processo de globalização solapou as fronteiras dos países ocidentais criando assim um emaranhado cultural. Hoje percebemos a influência de diversas culturas dentro do nosso cotidiano. Esse aspecto se configura de diversas formas, no

consumo dos bens culturais, nos hábitos alimentares e até mesmo nas nossas relações pessoais.

Para Hall muitos são os aspectos que deslocam as identidades culturais nacionais desde o fim do século XX, mas todo esse processo pode ser sintetizado sob o termo de globalização. Anthony McGrew (apud HALL, 1998) afirma que a globalização se refere aos processos que atuam numa escala global, atravessam as fronteiras nacionais e, assim, integram e conectam as comunidades em novas combinações espaço-tempo. “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (1998, p. 68). E assim podemos observar três consequências nesse processo: a desintegração das identidades nacionais, o aumento da resistência a uma identidade global e, por fim, o declínio das identidades nacionais e o surgimento das identidades híbridas.

Bauman classifica esse período de duas formas: capitalismo “software” e modernidade “leve”. Para o autor, nesse contexto, o que predomina é uma fluidez das identidades. “No universo de software, da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente a tempo nenhum, cancela-se a diferença entre longe e aqui” (2001, p. 136). Assim o estado atual da sociedade ocidental faz crescer a indefinição na classificação do indivíduo como um ser pertencente a um espaço específico, isso, quando levamos em consideração uma análise dos aspectos identitários dos sujeitos.

## **2 A cerimônia de abertura da Copa do Mundo da FIFA de 2014:**

A cerimônia de abertura da Copa do Mundo do Brasil aconteceu no dia 12 de junho de 2014 na cidade de São Paulo. O evento foi acompanhado, entre populares, autoridades e equipe técnica, por uma multidão – cerca de setenta mil pessoas –, além das milhares que acompanharam, através de cobertura jornalística, por toda parte do mundo. O evento teve duração de quase vinte e cinco minutos e foi composto por quatro atos, além da discreta apresentação do “Projeto Andar de Novo”, liderado pelo cientista brasileiro Miguel Nicolelis, onde Juliano Pinto, paraplégico, vestido com um

exoesqueleto comandado pela atividade cerebral, deu o chute inaugural, simbólico, da Copa do Mundo.

A coreógrafa belga Daphne Cornez foi à diretora artística do evento. Em entrevista coletiva, concedida no dia 11 de junho – um dia antes do evento – ela afirmou que a cerimônia representaria a natureza, a dança e o futebol. De acordo com suas palavras esses seriam os “três tesouros” que o Brasil mostraria ao mundo. Já no dia 12, o primeiro ato apresentado buscou destacar a vegetação e a mineração do Brasil, a floresta amazônica, as praias, o pantanal, além das serras do sul e do sudeste. O segundo representou a alegria de viver, a diversidade, a paixão pela música e pela dança. O terceiro ato colocou o futebol como uma arte da cultura brasileira e, por fim, Claudia Leite, Jennifer Lopez e Pitbull, interpretaram a canção “We Are One”, composta especificamente para ser a música tema da Copa de 2014.

A parte artística, como já foi dito, foi dividida em quatro atos. No primeiro, exaltação à natureza brasileira. Atletas se exibiram sobre uma cama elástica em formato de vitória régia. Os figurantes formaram uma floresta, com rio e duas canoas, cada uma com um índio. Com a chegada dos dois jovens indígenas teve início a segunda etapa da cerimônia, exaltando as pessoas, a dança, a música e a alegria de viver. Começaram os ritmos brasileiros, com música afro, frevo, berimbau e baião, por exemplo. Depois de aproximadamente quinze minutos, teve início o terceiro ato, o futebol. Onde crianças, levando a bandeira das 32 seleções da Copa, exibiram-se com bolas presas a elásticos. Por fim, um painel em formato de bola se abriu e, de dentro, apareceu à cantora Claudia Leite interpretando Aquarela do Brasil, de Ary Barroso, em playback. Ela foi acompanhada pelo Olodum. Em seguida Pitbull e Jennifer Lopez se juntaram a Claudia Leite, no centro do palco, para interpretar a música tema da Copa: "We Are One". Ao fim da música, aos poucos, os cantores e os bailarinos deixaram o gramado.

A letra da canção tema, interpretada em inglês, fala sobre a união de todos os continentes, em um momento feliz e igualitário. Exalta a grande festa que é promovida durante o evento e o quanto a alegria se faz presente dentro desse contexto, como podemos perceber nos trechos:



“It's your world, my world, our world today  
And we invite the whole world, whole world to play  
It's your world, my world, our world today  
And we invite the whole world, whole world to play (...)

(...) Put your flags up in the sky (put them in the sky)  
And wave them side to side (side to side)  
Show the world where you're from  
(show them where you're from)  
Show the world we are one (one love, life) (...)”

No total, durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014, participaram mais de seiscentos bailarinos, comandados pela belga Daphne Cornez, diretora artística do espetáculo. De acordo com o site Portal da Copa – plataforma oficial do Governo Federal sobre a Copa do Mundo de 2014 - a natureza, o povo brasileiro e o esporte, que contribuiu para a construção da identidade nacional, foram colocados em evidência durante a cerimônia.

## **Conclusão**

Com a análise da cerimônia organizada pela FIFA, observamos como a cultura brasileira foi relatada para o mundo. Assim pudemos perceber que essa representação priorizou por um espetáculo global em detrimento da valorização da cultura brasileira. Os elementos de nossa cultura foram retratados de forma caricata, através de uma espetacularização de nossas características, sem o devido respeito a nossa diversidade cultural e suas raízes diversas.

Comprovamos que a prioridade do evento era estabelecer um entendimento em escala mundial, quando observamos a escolha dos artistas que interpretaram a canção oficial do evento, no idioma que foi cantado e até mesmo na contratação de uma coreógrafa belga. Esse tipo de cerimônia busca estabelecer um elo entre o máximo de nações possíveis, porém, para tanto, não respeita as particularidades de cada espaço. Nesse processo, elementos simbólicos que pertencem ao território brasileiro foram esquecidos, suprimidos, acionados, ressignificados. As representações encenadas se configuraram como uma revisitação da história, da memória, porém por meio da

teatralização de alguns aspectos de nossa cultura que foram regastados e ressignificados sobre o crivo do espetáculo global.

Encontramos algumas críticas com relação à cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014. Nas redes sociais, por exemplo, observamos tais comentários sendo proferidos por anônimos e famosos. Porém vale destacar que separamos a opinião do Músico Alceu Valença postada, no facebook do cantor, um dia após o evento. Essa escolha se justifica pelo fato do comentário apresentar uma fundamentação em torno da valorização da cultura local, regional e popular, além da importância que Alceu carrega como artista e, principalmente, pela repercussão da postagem, haja vista que ela teve mais cem mil “curtir” e mais de setenta e dois mil “compartilhamentos”. Para o músico a diversidade da cultura brasileira não foi preservada, mas sim um espetáculo global que priorizou por um processo artificial e plástico.

Nas palavras de Alceu Valença a nossa diversidade cultural, que é viva, alegre e espontânea, foi representada por uma palidez mórbida, plastificada. O músico ainda afirmou que temos grandes coreógrafos e a Marques de Sapucaí é a prova viva disso. Para ele, o Brasil precisa mostrar, para dentro e para fora, sua verdade cultural: festas juninas, carnavais, folguedos, bumbas-meu-boi, reisados, capoeira, frevo, maracatu, afoxé, coco, ciranda, samba. E ainda questionou os motivos do convite para uma coreógrafa belga, alegando que temos profissionais competentes aqui mesmo no Brasil e, por fim, afirmou que é tempo do mundo enxergar a diversidade do planeta.

A realização de um evento global, para Silva; Ziviani e Madeira (2014), aciona um aparelho que prioriza por uma ressignificação dos espaços, por meio de um “novo campo de racionalidade”, como afirma Foucault (apud SILVA; ZIVIANI; MADEIRA, 2014). De acordo com as autoras, esse processo opera na construção de uma identidade coletiva a ser vista pelo mundo. Para tanto, as memórias de certos símbolos nacionais são acionadas, porém de uma forma reorganizada e por meio de uma homogeneização, onde não existe o respeito às particularidades e nem aos próprios conflitos internos.

No entender de Silva (2012) identidade e diferença são conceitos interligados, na medida em que é a identidade que estabelece semelhanças e diferenças entre indivíduos e espaços. Observamos que a própria formação de uma identidade nacional e sua representação não respeita as diferenças regionais. Da mesma forma que a hibridização

global. Sendo assim, entendemos que todo esse processo de configuração, representação e formação das identidades se configura como uma relação de força que se sustenta e se conforma dentro do campo político. O jogo das identidades envolve interesses e escolhas. Porém, como afirma Hall, uma das consequências desse processo de hibridização consiste no aumento da resistência a uma identidade global. Podemos observar esse exemplo no comentário do músico Alceu Valença, na medida em que o Artista, através de suas palavras, defende uma oposição ao modelo global e a valorização dos traços locais.

Desta forma, se para Thompson (1972) não é possível que uma história da classe operária seja contada sem que essa assuma a memória e a experiência, acreditamos que a representação cultural de uma Cidade, um Estado ou até mesmo de um País, apresenta a mesma questão. Por isso enxergamos as inúmeras críticas dirigidas ao evento da FIFA, por parte dos brasileiros, como forma de demonstrar insatisfação: afinal, ser brasileiro é muito mais do que foi exibido, na ocasião, para o mundo. E além de tudo, envolve muito mais complexidade que o reducionismo proposto.

## Referências

- BARBERO, Jesús – Martín. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BARTHES, Roland. **Mitologias.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil, os mitos do Sertão:** emergência de uma identidade nacional. Fortaleza: Interarte, 2007.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1998.
- SABOIA, Patrícia. **Brasilidade e identidade nacional.** Tríades, 2012.
- SALAVISA, Diana Martins. **O mito.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2006.
- SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula; MADEIRA, Thaíse Valentim. **Os megaeventos como arena:** o jogo das identidades e o espetáculo da cultura. Universidade Federal do Pará: XXIII Encontro Anual da Compós, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença, in: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **La formación histórica de la clase obrera**. Barcelona: Laya, 1972.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, in: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

## Portais e sites

CERIMÔNIA de abertura da Copa do Mundo mostrará tesouros brasileiros. EFE, São Paulo, 11 Jun. 2014. Disponível em: < <http://migre.me/14jND> >

Acesso em: 13 Set. 2014.

CEREMONIA de inauguración mundial Brasil 2014. Youtube, 13 Jun. 2014. Disponível em: < <http://migre.me/14jXW> >

Acesso em: 13 Set. 2014.

PORTAL da Copa. Disponível em: < <http://migre.me/14jIW> >

Acesso em: 20 Ago. 2014

SIMPLES, festa de abertura da Copa do Mundo exalta o Brasil. Diário do Nordeste, 12 Jun. 2014. Disponível em: < <http://migre.me/14jOI> >

Acesso em: 04 Set. 2014.

VALENÇA, Alceu. Facebook, 13 Jun, 2014. Disponível em: < <http://migre.me/14jR2> >

Acesso em: 04 Set. 2014.